

CERCO FECHADO

Sandra Lyon

Os homens chegaram na chuva teimosa, deixando pousados no ladrilho os guarda-chuvas, dois grandes pássaros negros de asas abertas, secando. A senhora não sabe onde o rapaz está? Mas o olhar da mulher não ergue, continua atento nos pés, enroscados nos chinelos. Vieram apurar uma questão de assalto a banco — não vieram?

Chegaram cedo, os homens. Vasculharam toda a casa, teimosos e insolentes. Não, não tinha arma em casa, não reconhecia nenhum daqueles das fotografias. Não e não. Até quando, meu Deus? Revistaram tudo, esquadrinhando canto por canto, voltaram de mãos abanando — não voltaram?

Depois, foi como se desse para escutar o medo: a mulher ficou um tempo de respiração trancada, depois desatou a chorar, e, agora, soluça. Range os chinelos no assoalho caminhando em direção ao quarto do filho. Da gaveta, retira a colcha de retalhos, cheirando a guardado, e arranja a cama com as mãos envelhecidas e trêmulas. Sobre a cama, coloca roupas, calças e camisas, dobradas e empilhadas, pente e escova de dentes, documentos. Ajeita, embrulha, colocando tudo numa sacola de papel. Então, atravessa o quarto diversas vezes sem saber o que fazer desse dia e de todos os outros, daí por diante.

Ele não vem, talvez não venha nunca mais. Vontade de ficar assentada na cozinha, ir para o quarto ou continuar a girar inutilmente. Mas, quando ouve passos e depois o barulho da chave na porta, e aqueles olhos espreitantes, compreende que somente então ele está chegando. Quer perguntar: o que foi, meu



filho? Entreolham-se, falam baixo como se estivessem em casa alheia. Como se não fugir significasse resistir.

Ela sabia: as más companhias, as madrugadas misteriosas perderam o seu filho. Ele é bom rapaz e por isso prefere que fuja, que não volte nunca, prefere qualquer coisa a vê-lo preso, maltratado. Através de cômodos estreitos, acompanha-o até o quarto, mostra-lhe tudo pronto: fuja, diz num gesto entrecortado.

Lá fora, é sempre o mesmo: homens metidos em seus uniformes de lei perambulam pelas ruas como mortos. E apontam seus revólveres para todos — bocas de fogo esperando com raiva — mesmo para as mulheres da noite que caminham trôpegas e sonâmbulas como cães vadios e de costelas à mostra, escarafunchando melancólicas latas de lixo.

Ali, pelo vão da janela, através da sala escura, a mulher vê a rua e o rapaz, como gato cauteloso, de orelhas baixas e unhas recolhidas, que se dilui fácil na boca da sombra da varanda. E quando um vulto miúdo galga o muro do quintal, ouve-se apenas disparos secos e um baque surdo do outro lado. E aquele desamparo solto toma conta do coração da mulher cujos lábios tremem como os de uma criança que vai chorar.

Não, ele não estivera ali, não, ela repete com o olhar perdido. E aponta a mesa posta para o jantar. Os rostos duros dos homens não se alteram. Tomara ele possa voltar um dia. Ele é bom filho, balbucia, enquanto saem batendo a porta. O que sobrevém não é paz, alívio ou medo. Um desejo liso e profundo de dormir. A espera acabará por anoitecer aos poucos em seu sangue.